



GOVERNO

Lula cede, Rita sai e Lira fica com a Caixa

Presidente da Câmara emplaca apadrinhado para garantir a tramitação de projetos que visam aumentar a arrecadação

» ROSANA HESSEL
» RAPHAEL PATI*

Depois de várias semanas de fritura e especulações, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), finalmente, cedeu às pressões do Centrão. Demitiu Rita Serrano da presidência da Caixa Econômica Federal (CEF) para entregar o cargo a um apadrinhado do presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL). Assume o servidor Carlos Vieira Fernandes.

O comando da Caixa era uma das exigências de Lira para fazer parte, definitivamente, do governo. Também é o preço para destravar pautas importantes do Palácio do Planalto no Congresso, como o projeto de lei das offshores e a reforma tributária.

Contudo, segundo fontes próximas ao presidente da Câmara, o avanço sobre cargos de peso no governo está apenas começando. Ele pretende, pelo menos, dois ministérios importantes, como o da Saúde e o da Agricultura: no primeiro, está a pesquisadora Nísia Trindade, cuja presença Lula assegurou que não abre mão; no segundo, o senador licenciado por Mato Grosso Carlos Fávaro — Lira pretenderia ocupar a função depois que deixar o comando da Câmara. Na lista de desejos do deputado, há, ainda, o controle de outro banco público.

Com a troca na Caixa, uma parte do acordo do Palácio do Planalto com Lira foi honrado ontem à noite: votou-se e aprovou-se a taxação dos fundos offshores (no exterior) e dos fundos exclusivos (fechados).

Rafa Neddermeyer/Agência Brasil



Demissão de Rita pode ter sido precipitada por evento de arte

A matéria, agora, segue para análise no Senado. **(Leia mais na página 7)**

A saída de Rita reduz, ainda mais, a presença feminina no primeiro escalão do governo Lula. Antes da Caixa, outros dois ministérios com mulheres à frente sofreram alterações para acomodar apadrinhados do Centrão: em julho, a ex-ministra do turismo Daniela Carneiro (União-RJ) foi substituída por Celso Sabino (União-PA); semanas depois, a ex-jogadora de vôlei Ana Moser deu lugar ao deputado federal André Fufuca (PP-MA) — correligionário de Lira.

Há meses Rita vem sendo fritada. Em julho, ela admitiu que

estava “desconfortável” com a situação de ter que trabalhar apesar da certeza de que estava com os dias contados no cargo. Na época, reconheceu que a disputa fazia “parte da democracia”, mas que a insegurança a desgastava.

Exposição

A decisão de rifá-la, porém, pode ter sido precipitada por uma exposição que a Caixa pretendia exibir até 17 de dezembro — e foi cancelada. O evento, intitulado *O Grito!*, montado na galeria principal do espaço Caixa Cultural, apresentava duas obras que

Ricardo Stuckert/PR



Lula depende da vontade de Lira para votar matérias de interesse do Palácio. Mas deputado parece querer mais

causaram incômodo no Planalto e no Congresso: uma, trazia o ex-presidente Jair Bolsonaro defecando sobre a bandeira do Brasil; outra, tinha uma montagem com fotos de Lira, da senadora Damares Alves (Republicanos-DF) e do ex-ministro da Economia Paulo Guedes dentro de uma lata de lixo, coberta pela bandeira do Brasil. Bolsonaroistas e Centrão teriam pressionado para que a exibição fosse suspensa.

De acordo com o cientista político Carlos Melo, professor do Insper, a mudança na Caixa era mais do que previsível. Marca o enfraquecimento do quadro feminino no governo.

“Além de ceder, o governo vai ter uma mulher a menos em postos relevantes. Mas esse critério não é prioritário para o Centrão. Faz parte de um acordo em que o presidente cedeu e o ônus pela indicação será de Lira e dos seus companheiros do Centrão”, afirmou.

Raquel Alves, analista política da BMJ Consultores Associados, lembrou que, apesar do recuo de Lula em favor do presidente da Câmara, a demissão de Rita não afasta a necessidade de construir um ambiente para que as votações sejam tranquilas. “Sem empenho de Lira, qualquer sonho de votar a reforma

tributária, ainda em 2023, vai para o espaço”, advertiu.

A troca de comando da Caixa, segundo o cientista político Rafael Cortez, da Tendências Consultoria, é mais uma evidência dos imperativos da governabilidade. “A pauta do governo envolve discussões que são, tradicionalmente, distantes das preferências da maioria da centro-direita. Com isso, o governo faz o esforço de acomodação, mas com um poder de barganha pequeno se comparado ao que era nos primeiros mandatos (de Lula)”, avaliou.

*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Ofensiva de Israel torna a ONU irrelevante

As críticas a Israel feitas pelo presidente da ONU, Antônio Guterres, em meio à crise humanitária em Gaza, provocaram forte reação do ministro de Relações Exteriores israelense, Eli Cohen, que pediu a renúncia do diplomata português e os vistos para funcionários da ONU foram suspensos por seu país. A crise diplomática escalou após declarações de Guterres de que os ataques do Hamas, em 7 de outubro, que deixaram 1.400 mortos, não aconteceram “no vácuo” — fazendo referência aos “56 anos de ocupação” dos palestinos por Israel. E não justificam a morte de 5,8 mil civis, muitas mulheres e crianças, e o deslocamento de mais de um milhão de palestinos para o Sul de Gaza.

A forma como Israel ataca Guterres e pretende tratar o pessoal da ONU que atua na região em missões humanitárias, dos quais 35 já morreram nos bombardeios, é um sintoma da profunda crise que paralisa a organização. Seu Conselho de Segurança, presidindo provisoriamente pelo Brasil, não consegue aprovar uma resolução sobre o conflito, apesar dos esforços de mediação do chanceler brasileiro Mauro Vieira. Ontem, foram rejeitadas mais duas resoluções — uma apresentada pelos Estados

Unidos e outra pela Rússia. A disputa entre as duas maiores potências militares do planeta tem por pano de fundo a Guerra da Ucrânia, apesar dos 1.875km de distância em linha reta entre Donetsk, região ocupada pelo Exército russo, e Gaza, que Israel pretende invadir por terra, mar e ar.

A rejeição da proposta anteriormente apresentada pelo Brasil, que obteve 12 votos, com duas abstenções (Reino Unido e Rússia) e foi vetada pelos EUA, foi um presente do presidente norte-americano Joe Biden para o russo Vladimir Putin. Para o Moscou, os norte-americanos foram incoerentes e adotam dois pesos e duas medidas: exigem da Rússia o respeito ao direito internacional e aos direitos humanos na Ucrânia, mas não fazem o mesmo em relação a Israel em Gaza.

As votações de ontem também demonstraram o complexo xadrez geopolítico que paralisa e esvazia a ONU. O conselho tornou-se irrelevante, como há muito o Brasil e outros países em desenvolvimento argumentam para propor sua reestruturação. Há uma nova “guerra fria” entre EUA e Reino Unido, de um lado, e Rússia e China de outro, com a França entre o mar e o rochedo.

A DETERIORAÇÃO DA SITUAÇÃO INTERNACIONAL TEM POR PANO DE FUNDO O COLAPSO DA CHAMADA “PAX AMERICANA”, A UNIPOLARIDADE SURGIDA APÓS O FIM DA ANTIGA UNIÃO SOVIÉTICA

Nas votações de ontem, a resolução norte-americana foi vetada pela China e pela Rússia, que criticaram a falta de um pedido de cessar-fogo no texto. Votaram a favor Albânia, França, Equador, Gabão, Gana, Japão, Malta, Suíça, Reino Unido, EUA — 10 países. Rússia, China, Emirados Árabes Unidos votaram contra, enquanto Brasil e Moçambique se abstiveram.

A resolução russa não obteve os nove votos para ser aprovada. Somente teve o apoio da China, Gabão e Emirados Árabes. O texto teria sido vetado pelos EUA e Reino Unido de qualquer forma. Nove países se abstiveram: Albânia, Brasil, Equador, França, Gana, Japão, Malta, Moçambique, Suíça.

Escalada do conflito

Essas votações mostram o complexo

cenário internacional, em que os EUA apoiam Israel incondicionalmente, apesar da retórica humanitária de Biden. Ontem, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu reiterou seu ultimato aos civis que ainda estão no sul de Gaza para que deixem a região e que o Exército de Israel deve avançar a qualquer momento, com objetivo de liquidar o Hamas. A cidade de Gaza, devido aos bombardeios, virou um monte escombros, mas o Hamas até agora somente libertou quatro de mais de 200 reféns em seu poder.

O avanço israelense inevitavelmente aumentará a carnificina. Os países árabes temem que o conflito se alastre para o sul do Líbano. Caso o Hezbollah ataque o território de Israel, a nova frente será um confronto muito mais violento, seja pelo poder da milícia libanesa, seja pela

reação de Israel, que ameaça invadir o país vizinho novamente. Na fronteira com a Síria, a situação também é tensa por causa da forte presença do Hezbollah.

A maior preocupação é com o Irã, que arma e financia tanto o Hamas quanto o Hezbollah, e não aceita a existência de Israel. A forte presença naval dos EUA no Mediterrâneo é um recado de que a entrada do Hezbollah no conflito pode ser interpretada como uma agressão do Irã e provocar uma retaliação de Israel, quicá dos EUA.

A deterioração da situação internacional tem por pano de fundo o colapso da chamada “pax americana”, a unipolaridade surgida após o fim da antiga União Soviética. A emergência da China como segunda potência econômica mundial reabriu as possibilidades de restabelecimento do multilateralismo, mas os fóruns criados para isso, como a ONU, estão paralisados. A China investe no fortalecimento de outros organismos internacionais, principalmente a ampliação do Brics, e na diplomacia do chamado Sul Global. Sem intervir no conflito, mansamente, prefere ver o circo pegar fogo.